

ZAMBRA, Alejandro. *Literatura infantil: Cartas ao filho*. Tradução: Miguel Del Castillo. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. 224 p.

Gustavo Augusto de Abreu Clevelares¹

O título atribuído por Alejandro Zambra ao mais recente livro por ele escrito – *Literatura infantil: Cartas ao filho* –, traduzido para o português por Miguel Del Castillo e publicado em território brasileiro pela Companhia das Letras no primeiro semestre de 2024, carrega em si a potencialidade de provocar estranhamento inicial naqueles que acompanham de forma extensiva o projeto literário do escritor chileno, que publicou *Bonsai*, seu primeiro romance, em 2005, após dois livros dedicados à poesia. De fato, acostumados com o tom ora mais ameno, ora mais agudo, mas sempre avigorado pelo teor político que costuma atravessar as narrativas do consagrado escritor dos romances *A vida privada das árvores* (2007) e *Formas de voltas para casa* (2011), causa impressão inusitada no leitor deparar-se, no título dessa nova publicação, com um suposto endereçamento do autor às crianças – público para o qual, teoricamente, se destinaria o gênero de produção literária que nomeia o livro. No entanto, passada a desconfiança inicial, se quiser dar cabo à curiosidade e adentrar no espaço que se diria privado para cartas ao filho, o leitor será capaz de compreender o artifício literário do autor, que, nas narrativas variadas do livro, reivindica um outro lugar para a paternidade e a infância, as quais, sem perder o fôlego da ficção, dão contorno à díade arte-vida produzida por Zambra.

Não é senão, em tese, uma espécie de gesto de relativização do que vem a ser Literatura Infantil que um dos mais prestigiados escritores latino-americanos também propõe em seu novo livro. Dividido em duas partes, a obra é um compêndio constituído por textos que, de maneira astuta, se arquitetam a partir das inespecíficas formas do literário para brincar com a memória e com a ficção. Frente a essa proposta, o que entra em cena na escrita de Zambra é um exercício fragmentado – e, em alguns momentos, até desconexo – de um autor que conhece as artimanhas da grafia e, assumindo o desejo de “dividir com meus amigos os mistérios da felicidade” (p. 219), lança mão da tônica da paternidade e da infância como pretexto (ou lugar de partida) para

¹ Professor efetivo no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Doutor em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Licenciado em Letras (Língua e Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-0212-9479>. E-mail: gustavo.clevelares@cefet-rj.br.

delinear reflexões acerca de temas de ordem variada, tais quais o tempo, afeto, literatura, leitura etc. Essa transitoriedade, aliás, é um dos pontos-chaves da arquitetura dessa coletânea: de mesmo modo que o pertencimento à esfera da paternidade parece servir, inicialmente, como subterfúgio temático para o impulso que leva o escritor às elucubrações multifacetadas, o desejo de dar novo fôlego à prática de correspondência – com cartas que, no início, são remetidas ao filho – carrega uma dimensão intermitente na obra, visto que a enunciação dirigida a um interlocutor único se encaminha à dispersão após poucas páginas, reaparecendo de maneira tímida ora com o pai, ora com a mulher, ora novamente com o filho, no decorrer dos textos. Tudo isso consolida a criação de Zambra como um compêndio de narrativas que nutrem o exercício simulado de interlocução familiar como artimanha para desautomatizar a vida e se aproximar das ruínas da infância que ainda restam em si.

Diante desse efeito dialógico assumido por Zambra no subtítulo, logo na primeira divisão da obra, a composição fragmentada do conto inicial – homônimo ao título – coteja diretamente o gênero diário, mas parece se tratar, antes, de um conjunto inespecífico de anotações avulsas, haja vista haver não apenas a narração periódica dos dias, com o tempo de vida do filho assinalado em número no topo das seções, mas também a presentificação dos afetos e a especulação ensaística a respeito de temas relativos à natureza aberta da prática de escritura e ao vocacionado trabalho paternal da grafia autobiográfica. Nessa perspectiva de criação, pela operação discursiva de evidenciar em sua grafia a força veloz do tempo em meio a um ser-pai que se experimenta de forma avassaladora pela primeira vez aos 42 anos – “Há homens que são fortemente afetados pela paternidade. [...] Esse é, exatamente, o meu caso” (p. 18) –, o narrador imprime as errâncias, os ajustamentos e os acertos vinculados a um sujeito em encantamento por seu rebento, ou seja, um homem que captura no respirar do filho as insígnias de um futuro no qual, como a própria voz narrativa conta, incluindo aí os leitores do conto/diário, “não faremos parte totalmente” (p. 12).

E não é apenas isso. Tanto a inexperiência quanto a disposição de enfrentamento da função paternal se revelam nas dedicadas e sensíveis ações do narrador para com o filho, tais como colocá-lo para dormir em seu peito ou segurar o ar para que o barulho de seus sinais vitais não atrapalhe em nada a verificação da respiração do novo ser amado, evidenciando o gesto afetivo e protetor de um pai que seria capaz de tudo, até de “parar de respirar para que um filho respire” (p. 10). De maneira sutil, afinado à sensível inclinação de rascunhar epístolas ao filho, como sugere ao leitor no subtítulo do livro, a primeira parte de *Literatura infantil* delinea uma

cadeia associativa de contos-cartas-poemas-ensaios a respeito de tudo quanto possa envolver paternidade e filiação, tais como a imagem espectral do filho no primeiro encontro com a mãe – “Gosto tanto de pensar que você já nos rondava naquele encontro quase às cegas” (p. 35) –, como a história de uma dor de cabeça atravessada por um cogumelo curativo – “*Teonanácatl*: assim os astecas denominavam o cogumelo que agora é conhecido como *pajarito*” (p. 37, grifo do autor), um poema lírico-narrativo dedicado às nuances humanas na infância – “*Está de noite, mas já acordei/ Você diz, em tom de notícia,*” (p. 49, grifo do autor) e, enfim, as lembranças implacáveis da pandemia de 2020 – “O que meu filho se lembrará deste ano horrível?” (p. 80).

À medida que, ainda no conto inicial, redige cartas que endereça para o filho como uma operação que procura colocar tanto remetente como destinatário à revelia do esvaziamento da memória, essa voz em primeira pessoa não se furtará de escrever (nesse e nos demais textos) fragmentos reflexivos acerca da relação entre pensamento, mundo e cultura, o que significa dizer, assim, que a acuidade da especulação aparece como desejo de integração indispensável da literatura de Zambra. Não à toa, o significado do termo “infância” – o qual curiosamente adjetiva essa produção literária no título do livro – ganha centralidade para o narrador, logo no texto inicial, mediante a estrutura de eventos dos primeiros 365 dias do seu filho. A atenção do narrador se volta, nesse ponto, pela problematização criativa da nomeação a ser dada à fase na qual dessa criança que se encontra aos 14 dias de nascida, já que, para ele, seria precipitado demais considerá-la “infância”. Por outro lado, contrapondo essa concepção ao que significa “infância” em outra língua, também relembra ao leitor que a ótica muda radicalmente quando observada na língua do outro: “em inglês você seria catorze dias velho” (p. 11). O que aparece e desaparece, pois, na elaboração dos fragmentos narrativos iniciais, é a configuração de uma narração autobiográfica enviesada por uma produção de pensamentos abrangentes, tal qual um impulso ensaísta, sobre o estado infantil do ser, ou, aliás, sobre um estado de ser que continua a nos iludir na condição de rastro mesmo quando crescemos.

Fascínio e perigo – tudo o que se agrupa na narração do primeiro ano de vida e nas conversas estabelecidas com o filho parece dirigido por essas sensações provocadas por sua paternidade rudimentar, anotada de forma ritmada e lírica para dar conta de contornar a aceleração do tempo e precariedade da memória. Quando a experiência do filho e o fenômeno da paternidade se configuram em cartas que se insinuam como contos, em poema que se transfigura em prosa e, inclusive, em trechos ensaísticos que simulam um diário, leva-se a cabo o salvaguardar das lembranças que, um dia, de forma possível, chegarão ao limite de ser poeira

no tempo: “Custo um pouco a imaginar esse dia de um futuro imperfeito em que você lerá este livro” (p. 218). É uma escrita atravessada pela sensibilidade da relação entre sujeitos familiares, mas cuja força de paternidade se carrega sobretudo no caráter autobiográfico, que não frustra o escritor de refletir a respeito da escrita enquanto escreve – estratégia discursiva de metalinguagem comum à literatura contemporânea. Partindo dessa proposição estilística, enquanto abre aos seus leitores o proscênio para que enxerguem o movimento que o fez encaminhar os poemas escritos no celular para o “país da prosa” (p. 13) – o qual resultou no recente livro *Literatura infantil* –, Alejandro Zambra não deixa de especular a respeito da concepção teórica já tão discutida que envolve os limites da Literatura Infantil.

Se, para o narrador, toda a Literatura conjura o traço infantil da experiência, não é senão isso que ele parece querer exercitar pela curvatura estilística a que se empenha ao “recuperar percepções apagadas pela suposta aprendizagem que tão frequentemente nos tornou infelizes” (p. 15). A infância, palavra largamente empregada negativamente por muitos sujeitos – “costuma ser usada como insulto” (p. 14) –, empregada como um ultraje acachapante àquele que alcançou a consciência da linguagem entrelaça, em certa medida, a escrita do narrador à discussão que Giorgio Agamben realizou no ensaio “*Experimentum linguae*” (2005). O que se passa, então, na especulação do narrador de Zambra tanto sobre o substantivo *infância* quanto sobre o adjetivo *infantil* é um flerte com a força epistemológica desse conceito filosófico, o qual se expande na perspectiva agambiana para não restringir meramente o ser a um intervalo cronológico. Seria possível considerá-la, grosso modo, a infância, na circunscrição elaborada pelo escritor latino-americano, feita na esteira de Agamben, como um estado ontológico que permeia toda a dimensão humana, instalando-se na interseção entre experiência, linguagem e existência. No limite, compreendendo que “quem escreve tenta ver as coisas *como se fosse a primeira vez*” (p. 15, grifo do autor), todas as vozes narrativas de *Literatura infantil* resgatam a infância como o estado primordial de potencialidade e indeterminação que precede a diferenciação entre sujeito e objeto.

Escrever a complexa noção de infância ocorre de forma tensionada nas reflexões do narrador, como um estado no qual a consciência do sujeito não está ainda limitada pelas categorias e estruturas conceituais que governam a vida adulta. Sendo assim, ao considerar que o conhecimento cartesiano moderno expropriou o sujeito de sua experiência efetiva, observa-se que ela passou a se operar fora do homem, vindo o *infans* (sem fala) a ser aquele que, de fato, na cisão entre língua e discurso, atravessa a plena experiência que precede a linguagem.

Parecendo reconhecer essa perspectiva filosófica, Zambra exercita, ainda no primeiro conto, nesse diário passional das experiências atravessadas por/com o filho, o registro das brincadeiras com os sons e com a linguagem, situadas em um mundo de experiências que, para o pequeno indivíduo, desaparecerá depois da plena captura pela linguagem. Assim, o autor se presta a endereçar epístolas ao filho não somente porque, “na tradição literária, abundam *cartas ao pai*” (p. 19, grifo do autor), mas principalmente porque almeja que a criança se aproxime, ainda que pela grafia fincada na literatura, do instante em que a respiração, o tateamento, o balbucio e a lalação formam a experiência no mundo de modo imediato e incorrompido, isto é, não mediada pela força linguagem.

Mas, retornando à questão da classificação literária do título, o autor adverte ao filho, é claro, que a composição fragmentada de cartas, contos e/ou poema não pode ser classificada pelo que o se compreende como *literatura infantil*. Apesar de supostamente se dirigirem a uma criança específica e de questionarem à própria concepção de infância, tratam, antes, de capturar esse conceito para redimensioná-lo em um evidente exercício literário de “estilo infantil” (p. 24) – até porque, para ele, o autor, de forma um tanto quanto aporística, mesmo nomeando o seu livro como “literatura infantil”, não deve haver hierarquizações entre os gêneros da literatura ou classificações tão estanques. Ora, diante de toda questão classificatória, o que essa voz narrativa realiza em outro momento curioso e espirituoso do livro é o escancarar da advertência indelicada vinda uma editora literária: “*Por que você escreve para adultos quando deveria escrever para crianças? (...) Seus livros são livros ilustrados mas sem ilustrações, temos que corrigir isso*” (p. 23, grifo do autor). Essa exposição editorial parece endossar, não exclusivamente, a tese de que a separação entre a literatura de adultos e a literatura infantil continua sendo, não raro, baseada em suposições acerca do conteúdo, da temática e, é claro, do público-alvo dos textos, escamoteando a possibilidade sensível de que tais fronteiras podem ser – e, de fato, são – porosas e subjetivas. Nesse possível contexto teórico-crítico por trás da escrita, o que se conclui mediante esse episódio da produção de Alejandro Zambra é a noção de que “a infância sobrevive em nós como um enigma intermitente” (p. 20).

Após narrar os dias paternais, que ora são “cansativos, porém felizes”, ora são “felizes porém cansativos”, a voz narrativa de Zambra se camufla em outras, em diversos instantes do livro, para além do registro intensivo dos dias “felizes porém felizes” (p. 12). Por outra via, a fim de que a leitura de seu filho, a ser realizada em um tempo porvir, possa ser capaz de reanimar os momentos passados e, por conseguinte, proporcionar certa atualizada aos fatos

compartilhados, o narrador escreve. Não se trata, porém, no empreendimento narrativo construído, apenas de um gesto de escrita para que o filho se aproxime das infâncias que se conjuram na escrita do pai: “Ninguém escreveu nossa infância, e talvez lamentemos essa ausência de sinais, mas também, de algum modo, agradeçamos, porque isso nos permite respirar, mudar, nos rebelar” (p. 20). De fato, ao confeccionar e engenhar o passado como matéria, o narrador relativiza o seu exercício de escrita: “Nem mesmo tenho certeza de querer que você leia este livro. Não é necessário, claro” (p. 219). À sua maneira, porém, dedica-se a salvar pedaços da memória para quem sabe, exibi-la ao filho nesses moldes diegéticos, compreendendo o desafio intensivo de “narrar o mundo de que uma criança se esquecerá” (p. 20). Ao contrário do que se pode pensar da narração do passado para o leitor futuro, constitui um plano ainda maior da diegese de Zambra o enquadramento especulativo desse *instante-da-infância* em escrita, que, por desejo incontornável, vem a ser um espaço-tempo caracterizado por uma relação mais fluida e menos regimentada com o passado, presente e futuro, permitindo uma forma de vivência mais aberta e menos determinada pelas normas e expectativas histórica e culturalmente impostas ao universo adulto.

De outra parte, infelizmente, enquanto a primeira seção do livro ganha um belíssimo fôlego no que tange ao curioso e sensível experimento de figuração da paternidade, a segunda seção apresenta uma voltagem um tanto quanto reduzida, delineando narrativas que se afastam da proposta inicial e, por conseguinte, subvertem o espaço da obra para abarcar forasteiras estratégias procedimentais que vão do autobiográfico ao ficcional. Nesse ponto do livro, as vozes narrativas contam sobre a amizade idílica entre duas crianças e suas peripécias juvenis, que se distinguem por uma atitude de trocar cartas com xingamentos e palavões, ocorridas quando diariamente “Darío começou a se encontrar com Sebastián” (p. 99), um menino conhecido por não ter pai. Para mais, no conto cujo título se refere a Nova York pela metonímia dos arranha-céus, diante da impossibilidade de responder à recusa do seu pai em ler sua carta após um derradeiro conflito, o narrador expõe categoricamente sua fragilidade: “O que escrevo são as respostas que não consegui pensar a tempo. Os rascunhos dessas respostas, na verdade” (p. 125). De resto, na movimentação entre a especulação sobre futebol, o relato de um assalto e uma longa conversa durante uma pescaria, destaca-se que a disposição de Zambra em manusear a verossimilhança produz afinidades e ligações afetivas muito próprias, incontornavelmente autobiográficas e autoficcionais, as quais concretizam, ao fim e ao cabo,

sua estratégia procedimental de escrita fragmentada, mas se afastam do escopo inicial do livro infelizmente.

No entanto, em sua arrancada final, o que interessa ao eu que narra último conto, à diferença de outras histórias presentes na obra, não tem a ver com dar forma à narrativização de episódios desconexos da vida. De mesmo modo, como uma importante inflexão no que diz respeito às discussões, quer sobre o estatuto, quer sobre a precariedade de ser pai, o narrador assume no conto derradeiro a sensibilidade imbricada à paternidade, construída na forma de um recado curto, tão breve quanto o tempo, às voltas com o futuro que se confirma no crescimento do menino, essa criança que, nas páginas finais, já ingressando no *reino das palavras*, “pronuncia cada sílaba em um ritmo vacilante até que consegue formar as palavras, descobri-las por inteiro” (p. 217). Em sua ficção, ou em seus relatos autobiográficos, ou ainda em sua arte-vida, o autor retorna o fator sensível frente à outridade do filho pela gesto de especulação, porque, assim como reflete no primeiro conto do livro, anseia por traçar um desvio na escrita e subverter os discursos sobre paternidade que, à revelia do que ocorre com a maternidade, infelizmente permanecem moldados por fatores históricos, sociais e culturais: “machismo, egoísmo, pudor, adultocentrismo, negligência, autocensura” (p. 19). Tão radical quanto sensível, a chave da proposta literária de se dedicar à fabulação subjetiva da condição humana de paternidade está, pois, no movimento consciente de deslocar o lugar do discurso retraído e reducionista do homem a respeito de ser pai, sobremaneira em um contexto que, para o autor, “por séculos, a literatura tem evitado o sentimentalismo como se fosse uma peste” (p. 19). Dos pontos de vista ético e artístico, aí parece estar a radicalidade da posição defendida por Zambra no livro: uma vez que seria mais fácil entender os filhos “como obstáculo à escrita” (p. 19), uma autêntica *carta ao filho* só poderia se realizar na vibração da otimista do narrador com a transgressão desse lugar-comum.

Ao fim de tudo, mesmo que o artifício discursivo epistolar anunciado por Alejandro Zambra desde o subtítulo sabote parcialmente a expectativa daqueles que foram convidados a adentrar a obra para se encontrar um conjunto de correspondências destinadas ao filho, o belíssimo projeto final arquitetado pelo autor revela, portanto, um minucioso trabalho não apenas com a memória, a história e a ficção, mas também com certas categorias conceituais fundamentais. Esses tópicos, ao servirem como matéria-prima da criação de textos tão heterogêneos, fornecem uma força que precede quaisquer classificações hegemônicas e totalizantes dos gêneros discursivos manuseados. Se não se pode discordar que esse novo livro

não é estritamente direcionado às crianças, como parece defraudar seu título, não se deve também pacificamente aceitar que os textos heterogêneos que compõem *Literatura infantil*: Cartas ao filho são singularmente epístolas, como também se forja no subtítulo. De maneira que tensiona e expande a relação entre os textos remetidos e os gêneros protocolados na capa, o autor exercita uma espécie de escrita experimental com as formas do literário sem hierarquizá-las. Afinal, imbricando contos, relatos, ensaios e epístolas em seu mais recente trabalho, sua coletânea de textos entrecruza vozes narrativas que, submetidas inegavelmente à possibilidade de impermanência do tempo e à fugacidade da memória, moldam – precisa e singularmente – as imagens da infância e da paternidade como um todo complexo. Se “a literatura cedeu a autoajuda quase todo o espaço de reflexão que a paternidade requer” (p. 14), Alejandro Zambra inaugura seu ser-pai quando se religa à infância – essa experiência que resiste como ruína quando o sujeito se transfigura, enfim, em adulto.

Referências

AGAMBEN, G. Experimentum linguae. In: AGAMBEN, G. *Infância e história*. Destruição da experiência e origem da história. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 9-17.

ZAMBRA, A. *Literatura infantil*: Cartas ao filho. Tradução: Miguel Del Castillo. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

Recebido em: 7 de junho de 2024.

Aceito em: 18 de julho de 2024.